



Fecomércio PE

Sesc | Senac

Instituto Fecomércio

Boletim Conjuntural
Setembro | 2017

Boletim Conjuntural

Setembro | 2017

1. CONJUNTURA NACIONAL

A economia brasileira – conforme o Índice de Atividade Econômica (IBC/Br), divulgado pelo Banco Central – registrou um crescimento de 1,41% em julho deste ano, relativamente ao mesmo mês de 2016. Ao longo de 2017,

observa-se movimento de alternância entre crescimento e retração da atividade econômica ver **Tabela 1**. No resultado acumulado do ano (janeiro-julho), o desempenho é ligeiramente positivo (0,14%).

Tabela 1 - Brasil: taxas de variação mensal do Índice de Atividade Econômica (IBC-Br), em % - janeiro/2017 a junho/2017 (base: mesmo mês no ano anterior)

| MÊS | VARIAÇÃO (%) |
|--------|--------------|
| Jan/17 | 0,02 |
| Fev/17 | -1,07 |
| Mar/17 | 0,93 |
| Abr/17 | -1,67 |
| Mai/17 | 1,75 |
| Jun/17 | -0,43 |
| Jul/17 | 1,41 |

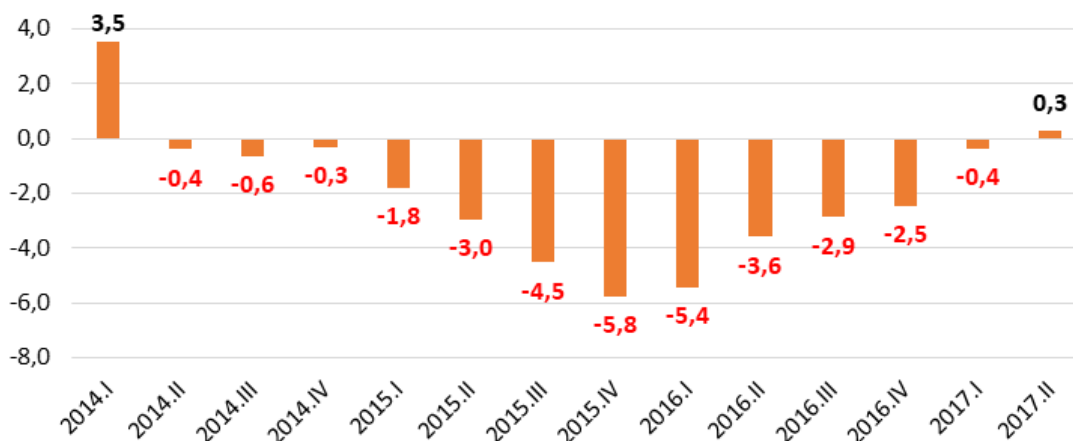
Fonte: Banco Central do Brasil. Elaboração Ceplan Multi.

Os dados do PIB – elaborados pelo IBGE – também revelam estabilidade no primeiro semestre de 2017, quando a comparação é feita em relação ao primeiro semestre do ano de 2016. Em síntese, esses resultados permitem que se alimente a expectativa de que ao final de 2017 a economia do país apresente um modesto crescimento, em relação ao ano passado. Nesse sentido, conforme resultado divulgado no último Boletim Focus ¹, espera-se que a economia brasileira cresça cerca de 0,68% neste ano. Embora não seja excepcional, é uma estimativa superior às anteriores, o que poderia

indicar o início de uma recuperação econômica, depois de dois anos civis consecutivos de forte retração do Produto Interno Bruto. Note-se que por 12 trimestres consecutivos observou-se variação negativa do PIB trimestral – do 2º trimestre de 2014 ao 1º trimestre de 2017 – portanto, um período de três anos de recuo da atividade econômica (Gráfico 1), fato até então inédito no País, em comparação com todas as recessões da era do Brasil industrial, inclusive a de 1930-31, quando o país passou pela primeira grande crise da então economia primário-exportadora.

¹ Ver “Focus – Relatório de Mercado” [BCB] [22 de setembro de 2017]. Documento eletrônico disponível em PDF: <http://www.bcb.gov.br>

Gráfico 1 - Brasil: variação trimestral do PIB a preços de mercado, em % - 1º Trimestre/2014 ao 2º Trimestre/2017 (base: mesmo trimestre do ano anterior)

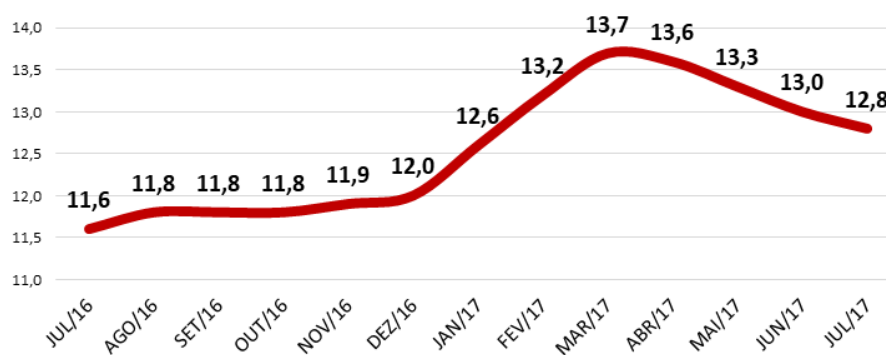


Fontes: Contas Nacionais Trimestrais/IBGE.

Por outro lado, informações oriundas da PNAD Contínua/IBGE revelam que no trimestre mai-jun-jul de 2017 a taxa de desemprego se situa em 12,8%, depois de ter atingido um nível máximo de 13,7% no primeiro trimestre (jan-fev-mar), como ilustrado no **Gráfico 2**. Em termos absolutos, dos 14,2 milhões de desempregados existentes no primeiro trimestre, passa-se para 13,3 milhões no trimestre encerrado em julho. Portanto, não resta dúvida de que ocorreu significativa redução do contingente

de pessoas desempregadas (novecentas mil). Entretanto mesmo com essa redução, o cenário de desocupação é ainda muito grave. Afinal, é imenso o contingente de pessoas em situação de desemprego aberto – medida que não inclui trabalhadores em situação de desalento (sem ímpeto para continuar na busca de uma ocupação) e aqueles em desconfortável situação ocupacional (trabalho precário, em ocupações de baixa produtividade, rendimento insuficiente e ocasionalmente incerto).

Gráfico 2 - Brasil: taxa de desocupação das pessoas com 14 anos ou mais de idade (média móvel trimestral), em % - julho/2016 a julho/2017



Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Nota: Considera a média móvel trimestral do universo das pessoas de 14 anos ou mais desocupadas e na força de trabalho, sendo o mês de referência tomado como limite superior do trimestre.

Ressalte-se que o número de admissões em postos formais de trabalho tem superado o de demissões, desde abril deste ano, o que se traduz em saldo positivo no resultado acumulado do ano, embora ainda relativamente pouco expressivo – **Tabela 2**. No período de janeiro a agosto de 2017, o saldo foi de 163.417 empregos – nesse mesmo período do ano passado, o saldo negativo foi de 619.383 empregos. Setorialmente, o saldo positivo observado em 2017 foi mais

expressivo na agropecuária (115.364), seguido pelo segmento de serviços (105.822) e a indústria de transformação (54.758). Na direção contrária, o comércio mantém a liderança com um saldo negativo de 99.270 empregos. São dados que, apesar de sinalizarem para uma melhoria no mercado de trabalho, revelam um crescimento relativamente pouco expressivo, em um ambiente de forte desemprego, como mencionado.

Tabela 2 - Brasil: saldo da movimentação do emprego formal - Jan-Ago/2016, Ago/2017 e Jan-Ago/2017

| SUBSETOR | JAN/16-AGO/16 | AGO/17 | JAN/17-AGO/17 |
|----------------------------|-----------------|---------------|----------------|
| Agropecuária | 83.927 | -12.412 | 115.364 |
| Indústria Extrativa | -5.603 | -135 | -1.797 |
| Indústria de Transformação | -144.986 | 12.873 | 54.758 |
| Têxtil | -4.881 | 2.577 | 24.255 |
| Química | 4.623 | 739 | 19.243 |
| Borracha, Fumo, Couros | 753 | -3.212 | 9.535 |
| Calçados | 19.648 | 422 | 12.909 |
| Alimentos e Bebidas | -20.821 | 6.523 | 1.308 |
| SIUP | -5.597 | -434 | -53 |
| Construção | -161.655 | 1.017 | -30.330 |
| Comércio | -260.230 | 10.721 | -99.270 |
| Serviços | -144.206 | 23.299 | 105.822 |
| Administração Pública | 18.967 | 528 | 18.924 |
| Total | -619.383 | 35.457 | 163.417 |

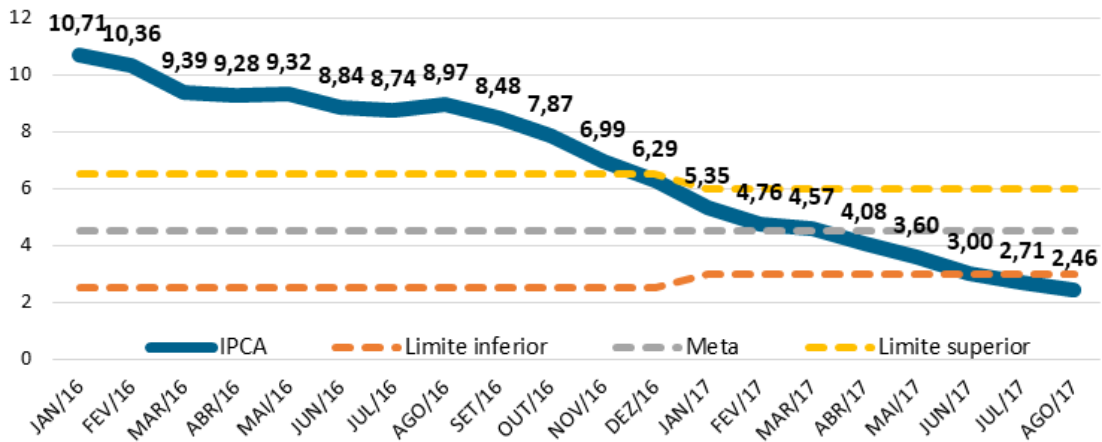
Fonte: Caged/MTE. Elaboração Ceplan Multi.

(*) Saldo ajustado, considerando as informações fora do prazo de janeiro/2014 a julho/2017.

Fator também essencial para o bom funcionamento da economia – e fundamental para uma saída consistente da crise econômica – é o controle do crescimento dos preços. Inflação baixa favorece o investimento e contribui para que o país avance na direção de uma recuperação econômica sustentável. Sobre esse aspecto,

observa-se uma trajetória de declínio continuado da inflação. De fato, o índice de inflação de 12 meses, em agosto deste ano (2,46%), situa-se abaixo do limite inferior da meta do Banco Central. Esse indicador apresenta trajetória declinante, mês a mês, desde agosto de 2016 (**Gráfico 3**).

Gráfico 3 - Brasil: inflação (IPCA) em 12 meses, em % - janeiro/2016 a agosto/2017

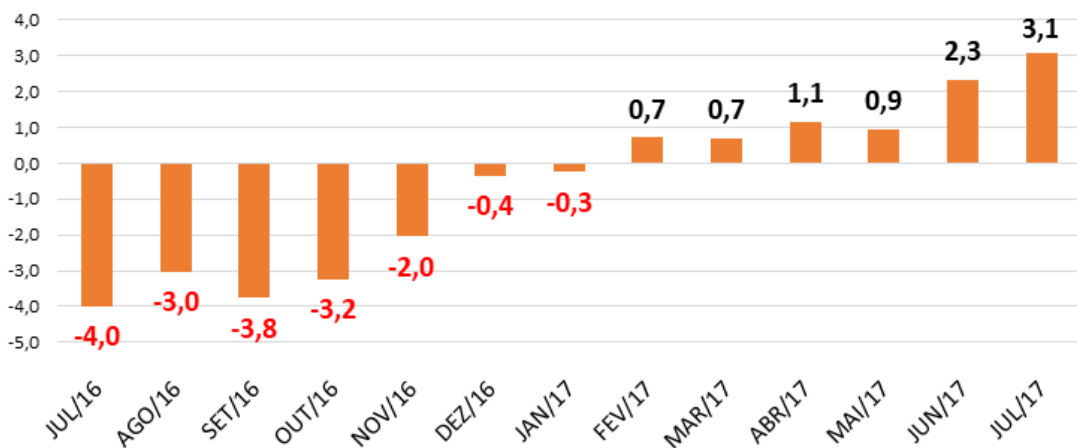


Fonte: Sistema Nacional de Preços ao Consumidor/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Em resumo, inflação baixa e uma melhoria ainda incipiente do mercado de trabalho são aspectos que explicam o pequeno aumento observado da massa real de salário e, em decorrência, o aumento do poder de compra das famílias. Nesse sentido, saliente-se que a massa

real de salários evolui de forma positiva desde fevereiro de 2017 (ver **Gráfico 4**). Esse ganho real atua positivamente sobre o poder de compra das famílias e justifica alguma reação favorável a respeito das vendas no comércio e no segmento de prestação de serviços.

Gráfico 4 - Brasil: variação real da massa de rendimentos do trabalho (média móvel trimestral) das pessoas de 14 anos ou mais ocupadas, em % - julho/2016 a julho/2017 (base: mesmo período no ano anterior)



Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

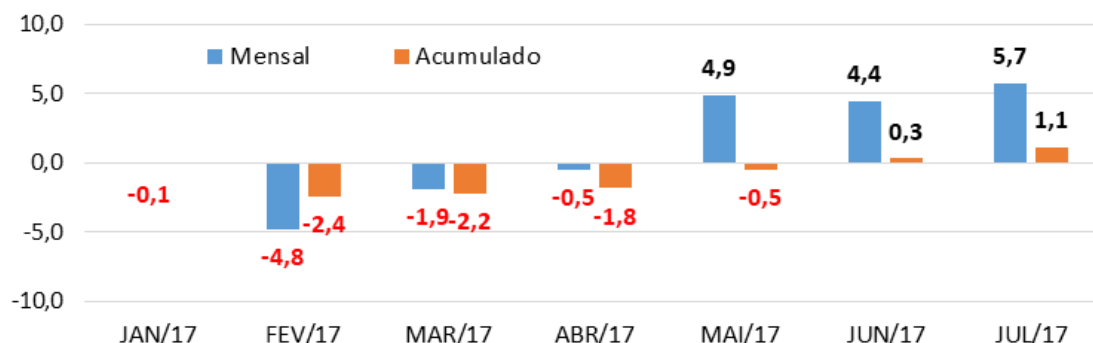
Nota: Utiliza a média móvel trimestral da massa de rendimentos recebida em todos os trabalhos pelas pessoas de 14 anos ou mais ocupadas e com rendimento de trabalho. A média calculada considera o mês de referência, em cada divulgação, como limite superior. Os valores da série são corrigidos mensalmente, utilizando-se o deflator (IPCA) do mês intermediário.

Cresce o volume mensal de vendas do varejo

O comércio varejista ampliado – agregado que resulta do acréscimo de ‘veículos, motocicletas, partes e peças’ e ‘materiais de construção’ ao conjunto de segmentos que compõem o varejo propriamente dito – apresenta, no Brasil,

variações mensais positivas nos três últimos meses pesquisados. Ademais, a variação acumulada no ano (janeiro a julho) também é positiva (1,1%), o que se observa quando se comparam o volume de vendas neste período e similar indicador relativo a 2016 – ver **Gráfico 5**.

Gráfico 5 - Brasil: variação mensal e acumulada no ano do Comércio Varejista Ampliado, em % janeiro/2017 a julho/2017 (base: mesmo período no ano anterior)

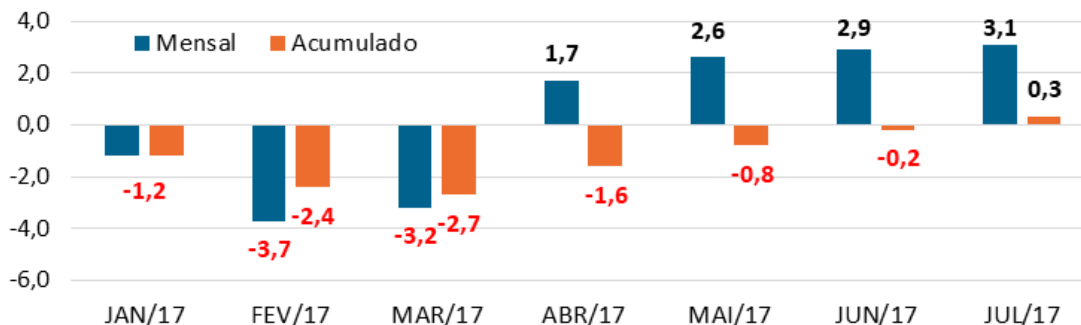


Fonte: PMC/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Em relação ao varejo restrito, cujo desempenho é registrado no **Gráfico 6**, verifica-se que a variação do volume das vendas também é positiva nos meses mais recentes. No resultado acumulado do ano (janeiro a julho), o desempenho

do varejo é levemente positivo (0,3%). Portanto, no geral, são informações que sinalizam que neste ano o volume de vendas do varejo nacional será superior ao alcançado em 2017.

Gráfico 6 - Brasil: variação mensal e acumulada no ano do Comércio Varejista, em % janeiro/2017 a julho/2017 (base: mesmo período no ano anterior)



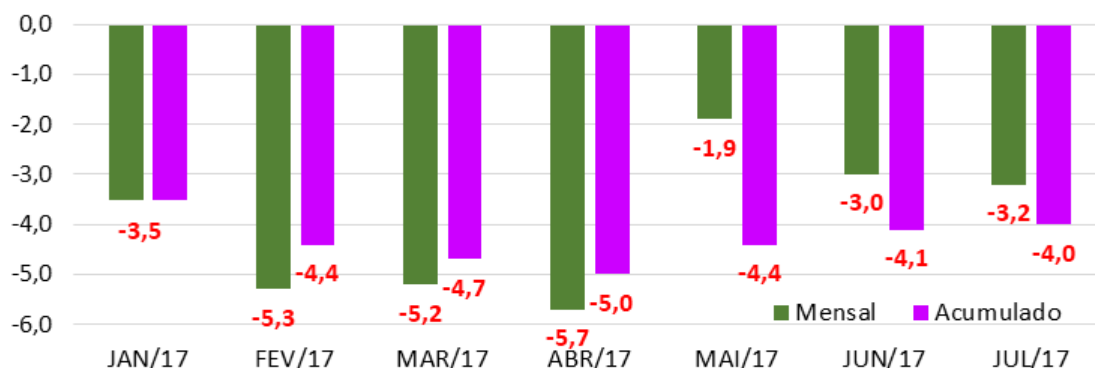
Fonte: PMC/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Modesta redução do ritmo de queda do volume de serviços em 2017

No que diz respeito ao segmento de serviços, cuja evolução é retratada no **Gráfico 7**, ainda não se observa reação positiva em decorrência da pequena melhoria observada na economia do país. Mesmo com reduções menos intensas em relação aos primeiros meses deste ano, o volume mensal de serviços continua apresentando desempenho mensal significativamente

negativo. Por outro lado, o indicador acumulado da PMS (janeiro a julho) também registra forte decréscimo do volume de prestação de serviços (-4,0%). Logo, os dados sobre o desempenho do setor de prestação de serviços, ao contrário do comércio varejista, continuam retratando um quadro desfavorável e não permitem que se alimentem expectativas de que esse segmento tenha neste ano um desempenho superior ao do ano passado.

Gráfico 7 - Brasil: variação mensal e acumulada, no ano, do volume de Serviços, em % - janeiro/2017 a julho/2017 (base: mesmo período no ano anterior)



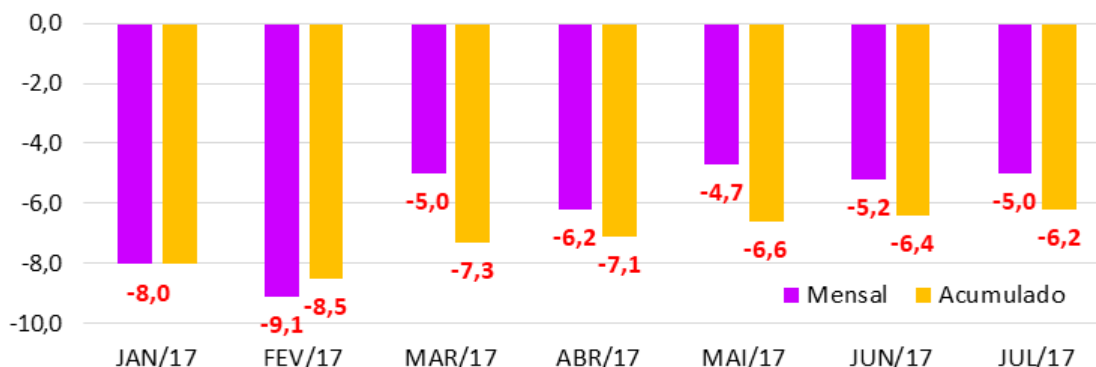
Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Declínio do volume de atividades turísticas continua forte

No âmbito do setor de prestação de serviços, o conjunto de atividades vinculadas ao turismo apresenta no ano de 2017 variações negativas ainda mais intensas do que as registradas para o setor de serviços como um todo, conforme os indicadores, mensal e acumulado, nos termos

do usual procedimento de comparação com correspondentes períodos de 2016 - **Gráfico 8**. O indicador acumulado apresenta uma trajetória negativa, mas levemente declinante, a partir de março. Por sua vez, o indicador mensal não tem uma trajetória definida, mas ao longo do ano, os resultados são todos fortemente negativos, sendo de -5,0% a variação observada em julho - último mês pesquisado.

Gráfico 8 - Brasil: variação mensal e acumulada no ano do volume de Atividades Turísticas, em % janeiro/2017 a julho/2017 (base: mesmos períodos do ano anterior)



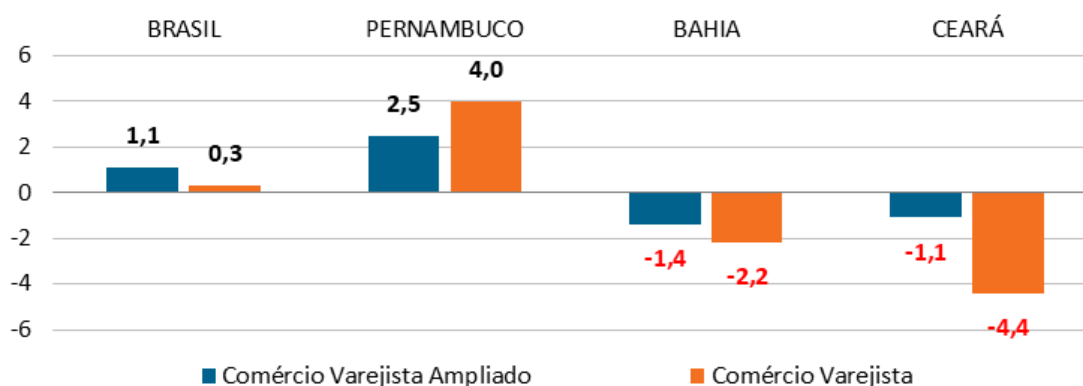
Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

2. DESEMPENHO DO COMÉRCIO VAREJISTA E DOS SERVIÇOS EM JULHO DE 2017: PERNAMBUCO NO CONTEXTO NACIONAL/REGIONAL

O desempenho do comércio varejista (ampliado e restrito) no resultado acumulado do ano, ou seja, no período de janeiro a julho de 2017, comparativamente ao mesmo período de 2016, é ilustrado no **Gráfico 9**. Trata-se de informações para o país como um todo e para os estados de Pernambuco, Bahia e Ceará – as

três mais importantes economias estaduais, no Nordeste. Ressalte-se que as variações do volume das vendas em Pernambuco são superiores às observadas para o país como um todo e são as únicas positivas entre os estados do Nordeste: Bahia e Ceará.

Gráfico 9 - Brasil, Pernambuco, Bahia e Ceará: variação acumulada no ano do volume de vendas no Varejo, em % - janeiro-julho/2017 (base: janeiro-julho/2016)

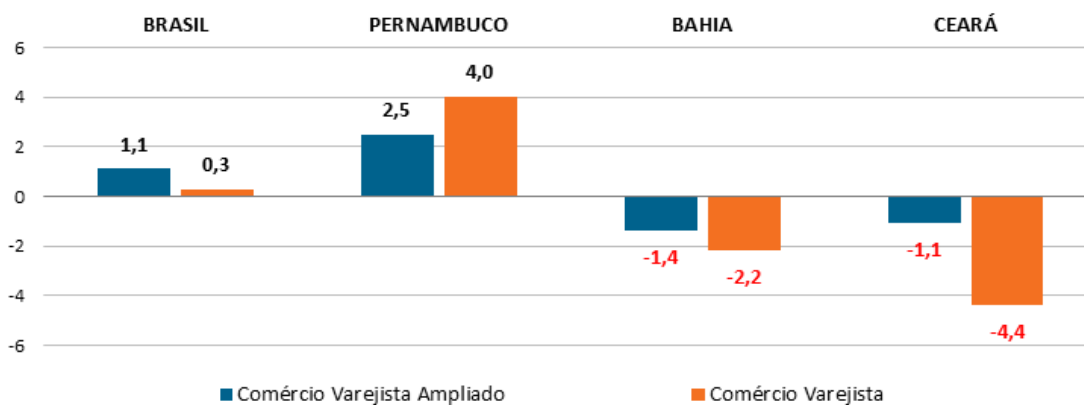


Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Ademais, quando se consideram os indicadores do último mês pesquisado (julho de 2017), o comportamento do varejo pernambucano – +6,3% no restrito e +3,9% no ampliado

– é positivo, entretanto no varejo restrito é bem destacado, em relação ao desempenho observado nos demais territórios considerados no trabalho (ver **Gráfico 10**).

Gráfico 10 - Brasil, Pernambuco, Bahia e Ceará: variação mensal do volume de vendas no Varejo, em % - julho 2017 (base: julho/2016)

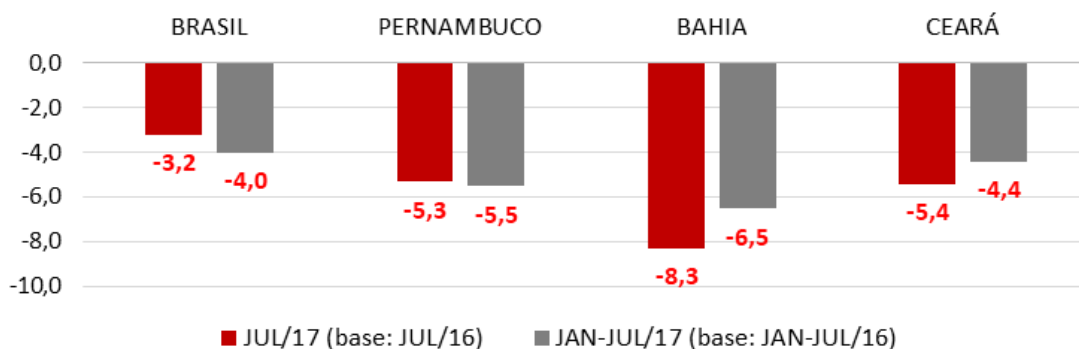


Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Por outro lado, no que diz respeito ao segmento de prestação de serviços (**Gráfico 11**), praticamente se repete a situação apontada no Boletim anterior da Fecomércio. De fato, o volume de prestação de serviços em Pernambuco, Bahia e Ceará se retrai, tanto no confronto de junho de 2017 com junho de 2016, quanto no resultado acumulado (janeiro-junho de 2017,

tendo-se por base o mesmo período do ano anterior). Portanto todos os resultados são negativos – tanto o mensal quanto o acumulado. Além disso, diferente do que se apontou para o comércio varejista, o desempenho mensal e o acumulado no ano, do segmento de prestação de serviços em Pernambuco, registram variações negativas mais fortes do que a média nacional.

Gráfico 11 - Brasil, Pernambuco, Bahia e Ceará: variação mensal (julho/2017) e variação acumulada no ano (janeiro-julho/2017) do volume de Serviços, em %

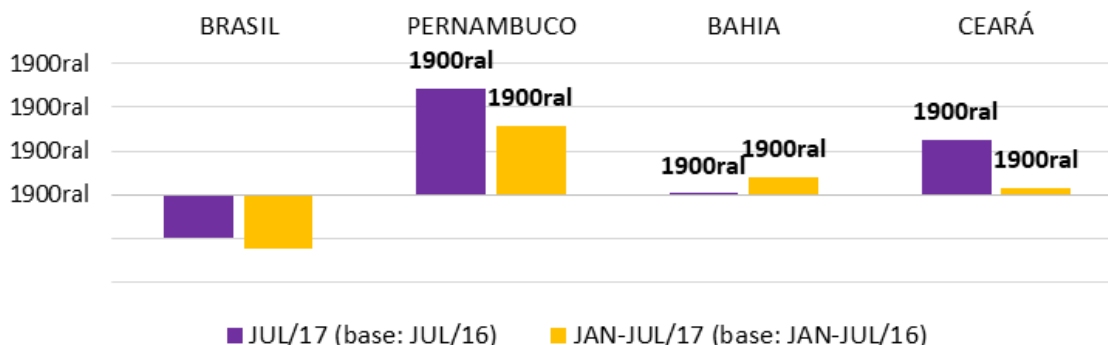


Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Por fim, o desempenho referente ao segmento de turismo também é contemplado na análise desenvolvida nos Boletins mensais da Fecomércio, conforme ilustrado no **Gráfico 12** – que contém, como de praxe, o indicador mensal do volume das atividades turísticas (junho de 2017 confrontado com julho de 2016 e o índice acumulado do ano). Em ambos os casos, o desempenho do turismo em Pernambuco é positivo e bastante diferenciado, em relação ao país como um todo e aos estados do Ceará e

da Bahia. De fato, o volume de serviços de turismo cresce em Pernambuco 12,2% em julho e 7,9% no acumulado do ano (janeiro a julho). Isso ocorre em um cenário em que o país como um todo ainda apresenta fortes quedas nesse importante segmento econômico: em julho e no resultado acumulado do ano. Os resultados para o Ceará e a Bahia são também positivos, contudo bastante inferiores aos registrados em Pernambuco.

Gráfico 12 - Brasil, Pernambuco, Bahia e Ceará: variação mensal e variação acumulada no ano do volume de Atividades Turísticas, em % - julho/2017 e janeiro-julho/2017 (base: mesmos períodos do ano anterior)



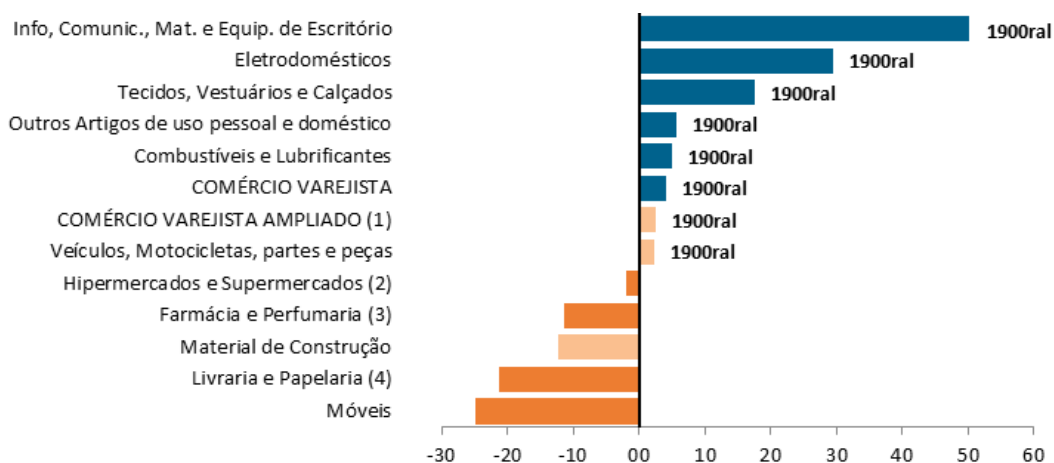
Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

3. SEGMENTOS DO COMÉRCIO E DOS SERVIÇOS EM PERNAMBUCO

Mantém-se, nesta seção, procedimento usual adotado nas edições do Boletim Fecomércio-PE: é incorporado um detalhamento da composição do comércio e dos serviços por grupos de atividade. Por essa razão, é conveniente que mais uma vez seja feita referência ao caráter dual da abordagem do varejo. Primeiro, composição – conforme as atividades específicas – do **comércio varejista na acepção tradicional** e mais conhecida: combustíveis e lubrificantes; hipermercados e supermercados; tecidos, vestuários e calçados; móveis; eletrodomésticos; artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos; livros, jornais, revistas

e papelarias; equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação; outros artigos de uso pessoal e doméstico. Acrescentando-se a tal conjunto as atividades concernentes a veículos, motocicletas, partes e peças, além de material de construção, é revelado o agregado **comércio varejista ampliado**. São assim sistematizadas no **Gráfico 13** informações sobre o acumulado do volume de vendas (janeiro a julho), no ano de 2017, referentes a cada um dos grupos de atividades dos segmentos do varejo e do varejo ampliado, comparativamente ao mesmo período de 2016.

Gráfico 13 - Pernambuco: variação acumulada no ano do volume de vendas por Segmento do Varejo, em % - janeiro-julho/2017 (base: janeiro-julho/2016)

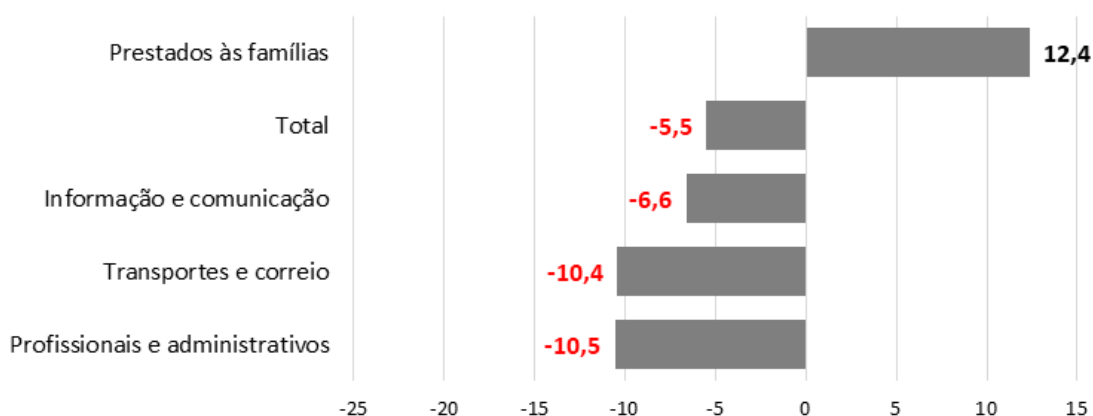


Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio/IBGE. Elaboração Ceplan Multi. (1) Inclui veículos e materiais de construção, além dos demais segmentos do varejo; (2) Inclui produtos alimentícios, bebidas e fumo; (3) artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumarias e cosméticos; (4) Corresponde a livros, jornais, revistas e papelaria.

Observe-se que dos onze segmentos que compõem o comércio varejista seis continuam registrando variações positivas, enquanto os cinco restantes revelam variações negativas no resultado acumulado do ano de 2017. Ressalte-se que os resultados agregados são positivos: 4,0% no varejo restrito e 2,5% no ampliado. Mantem-se, portanto, a expectativa de que o varejo pernambucano possa vir a encerrar o ano de 2017 com um desempenho superior ao observado no ano anterior.

No que diz respeito aos segmentos de prestação de serviços – ver **Gráfico 14** – a retração (acumulada no ano) das atividades que compõem esse setor é quase generalizada. Salvo ‘serviços prestados às famílias’, com uma variação positiva de 12,4% no resultado acumulado do ano, os demais segmentos de serviços apresentam variações negativas.

Gráfico 14 - Pernambuco: variação acumulada no ano do volume de Serviços, segundo as Atividade, em % - janeiro-julho/2017 (base: mesmo período do ano anterior)



Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

4. SÍNTESE E PERSPECTIVAS

A economia brasileira continua apresentando, depois de 12 trimestres consecutivos de declínio na produção de bens e serviços, indicadores de melhora no resultado acumulado de 2017, comparativamente ao do mesmo período de 2016. Não se trata, ainda, de recuperação satisfatória e sustentável (vai ser preciso bem mais para o país compensar o que perdeu nesse longo período recessivo), mas já se pode alimentar, com maior segurança, expectativa de que o caminho da recuperação está sendo lentamente trilhado. Pode-se antever – salvo algum extraordinário evento que reverta bruscamente expectativas de segmentos empresariais – que o PIB, nos meses finais deste ano, permanecerá apresentando variações positivas. Estimativas do próprio governo apontam nessa direção, projetando-se, como já referido neste Boletim, um crescimento positivo de algo como 0,68% em 2017 – um alentador número, quando comparado com os referentes a 2015 e 2016, sendo uma estimativa que supera as imediatamente anteriores, no corrente período.

O mercado de trabalho – diante de indicadores de paulatina redução da desocupação da força de trabalho (IBGE) e de formação de saldos positivos de geração de empregos formais, como registrado neste Boletim – também revela recuperação. Trata-se de instância econômica de grande importância em termos de redução do custo social gerado pela crise que enfim parece ter encontrado uma saída. No entanto a recuperação do mercado de trabalho, no presente estágio, ainda se dá com significativa participação de ocupações informais – alternativa utilizada inclusive por trabalhadores que não conseguem retornar ao posto de trabalho formal anterior à crise. Uma das facetas dessa alternativa à tragédia da desocupação é o engajamento em trabalho autônomo, o que abrange trabalhadores dos mais variados estratos sociais, mas sobretudo entre os mais vulneráveis, que se situam fora da rede de proteção social. Tal contingência é um dos preços cobrados por uma

severa recessão, cujo ineditismo em termos de profundidade e extensão temporal já foi assinalado neste e em relatórios anteriores. Sabe-se que, em casos de maior dotação de recursos oriundos de poupança e de verbas rescisórias, o trabalhador logra estabelecer um microempreendimento de sucesso, mas isso é algo alcançável apenas por grupo minoritário.

Um aspecto que caracteriza o presente contexto é o fato de a ideia de descolamento entre as esferas da economia e da crise política parecer agora mais factível do que no primeiro semestre deste ano. Uma das razões para isso é consolidação da tendência de queda da inflação e o confortável patamar de cerca de 3,0% que se desenha para o crescimento dos preços em 2017. A decorrente redução consistente da taxa básica de juros da economia, com a correspondente redução do crescimento dos encargos da dívida pública, é outro fator de alento para o segmento empresarial e para o próprio Governo. A significativa e consistente redução da inflação (de quase 11% em 2015 para as atuais cercanias de 3,0%), por outro lado, propicia crescimento da renda real do trabalhador, o que responde por parte da variação positiva do PIB observada.

Todavia a recuperação que se vislumbra seria – a esta altura – mais sólida, se reformas estruturais como a da previdência social e a reforma tributária enfrentassem trajetórias menos acidentadas e se o governo atual tivesse maior credibilidade junto aos agentes econômicos e à própria população.

O déficit fiscal do setor público permanece elevado e tende a ser mais desafiador ainda diante da dificuldade do governo de controlar os gastos públicos, mesmo depois da recente revisão, para cima, das metas de déficit fiscal (159 bilhões de reais em 2017 e igual valor em 2018). Por outro lado, mesmo que algumas unidades da federação venham escapando do

agravamento da crise fiscal, permanecem graves problemas fiscais em nível de estados e municípios. Ademais, avizinha - se o ano eleitoral de 2018 e tal contingência tende a impor maiores restrições a iniciativas de reformas estruturais, que em geral trazem, no plano imediato, custos para diversos setores da economia e para a população. A crise fiscal do Governo Federal e dos governos estaduais e municipais exigirão medidas duras que demandarão tempo e disposição política. Os benefícios, a serem possivelmente auferidos em médio e longo prazo, repousam na hipótese otimista de que o ambiente econômico -seguindo-se ao político- não apresente novos

retrocessos. Todavia a cautela ainda existente, tanto no meio empresarial quanto entre consumidores, é perfeitamente compreensível.

Espera-se, no entanto, recuperação mais rápida e mais sólida, permitindo a atração de capitais para projetos de infraestrutura, alternativa que teria impacto mais forte e imediato na redução do desemprego e na retomada da economia, especialmente nos segmentos que se vinculam diretamente ao mercado consumidor - entre os quais, o comércio varejista e o da prestação de serviços.

REFERÊNCIAS

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Índice de Atividade Econômica – Brasil (IBC-Br)**. Julho/2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Contas Nacionais Trimestrais**. 2º Trimestre 2017.

Pesquisa Mensal do Comércio. Julho/2017.

Pesquisa Mensal dos Serviços. Julho/2017.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Agosto/2017.

Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor. Agosto/2017.

MINISTÉRIO DO TRABALHO. **Cadastro Geral de Empregados e Desempregados**. Agosto/2017

EXPEDIENTE - FECOMÉRCIO-PE

Presidente: Josias Silva de Albuquerque
Diretora-executiva do Instituto Fecomércio: Brena Castelo Branco
Economista: Rafael Ramos
Designer: Nilo Monteiro
Revisão de Texto: Glauce Dias

EXPEDIENTE - CEPLAN-PE

Jorge Jatobá
Tania Bacelar
Osmil Galindo
Roberto Alves
Ademilson Saraiva

Sede provisória Rua do Sossego, 264, Boa Vista,
Recife, Pernambuco, CEP 50.050-080
Tel.: (81) 3231-5393 (PABX)

Anexo: Rua Bispo Cardoso Ayres, 147, Sala 105,
Santo Amaro (esquina com a Rua do Príncipe)
Recife, Pernambuco, Brasil, CEP 50.050-135
Tel.: (81) 3423-8423 | 3423-7440 (PABX)

